

A POLÍTICA DO INDIANISMO BRASILEIRO VISTA A PARTIR DO ACERVO DE FERDINAND DENIS

LA POLITIQUE DE L'INDIANISME BRÉSILIEU VUE DEPUIS LE FONDS FERDINAND DENIS

Rafael Souza Barbosa¹

Resumo: O indianismo, enquanto prática literária e política cultural, estabeleceu, sob a tutela da Regência e do Segundo Império, uma cultura oficialmente nacional para o país, centrada nos povos indígenas e na natureza americana. Todavia, a sua consolidação não ocorreu apenas no interior do território brasileiro, mas também fora dele, sobretudo na França e em Portugal. O oferecimento de livros e de outros impressos brasileiros a indivíduos e instituições estrangeiros parece ter sido a ação mais recorrente desse processo durante esse período. O acervo de Ferdinand Denis, conservado na Bibliothèque Sainte-Geneviève em Paris, é um terreno privilegiado para se estudar a circulação do indianismo no exterior pelo viés do oferecimento de livros. Em vista disso, este trabalho pretende abordar a internacionalização do indianismo a partir de livros enviados ou entregues a ele, de modo a interrogar o gesto de oferecer um objeto impresso a partir dos rastros de sua transmissão e de outros gestos que lhe servem de contraponto. A análise procurará apreender a prática do dom feita por diferentes atores sociais e revelar seus sentidos políticos, intelectuais e culturais. Para isso, serão discutidos o oferecimento da revista *Nitheroy: Revista Brasileira de Ciências, Letras e Artes* (1836), feito por Manuel de Araújo Porto-Alegre; de *Épicos Brasileiros* (1845), feito por Francisco Adolfo de Varnhagen; de *A Confederação dos Tamoios* (1857), feito em nome de D. Pedro II; de *A Lágrima de um Caheté* (1849) e de *Dedicação d'uma Amiga* (1850), feitos por Nísia Floresta; e de Ubirajara (1874), feito por José de Alencar. Ao cabo, espera-se demonstrar como as ações convergentes do Império e de alguns escritores não só instituíram o indianismo no Brasil, mas também fizeram-no entrar em uma lógica de internacionalização, através de sua relação com Ferdinand Denis, de modos distintos e servindo a interesses variados.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Indianismo. Internacionalização. História do Livro. Escrita.

Resumé: L'indianisme brésilien, en tant que pratique littéraire et politique culturelle, a établi, sous la Régence et le Second Empire, une culture officiellement nationale pour le pays autour des peuples indigènes et du paysage américain. Toutefois, sa consolidation a eu lieu non seulement à l'intérieur du territoire brésilien, mais également en dehors de lui, notamment en France et au Portugal. Le don de livres et d'autres imprimés brésiliens à des individus ou des institutions étrangers semble avoir été l'action la plus récurrente de ce processus pendant cette période. Le fonds Ferdinand Denis, conservé dans la Bibliothèque Sainte-Geneviève à Paris, est un terrain privilégié pour mener une étude sur la circulation de l'indianisme brésilien à l'étranger par le biais du don de livres. En vue de cela, ce travail a pour but considérer l'internationalisation de l'indianisme à partir des livres envoyés ou remis à Denis, de façon à interroger le geste d'offrir un objet imprimé, en prenant en compte les traces de leur transmission et d'autres gestes permettant leur mise en relation. L'analyse cherchera à appréhender la pratique du don faite par de différents acteurs sociaux pour dévoiler son sens politique, intellectuel et culturel. Pour cela, nous débattons du don de la revue *Nitheroy : Revista Brasileira de Ciências, Letras e Artes* (1836), fait par Manuel de Araújo Porto-Alegre ; de *Épicos Brasileiros* (1845), fait par Francisco Adolfo de Varnhagen ; de *A Confederação dos Tamoios* (1857), fait au nom de D. Pedro II ; de *A Lágrima de um Caheté* (1849) e de *Dedicação d'uma Amiga* (1850), faits par Nísia Floresta ; et

¹ Licenciado e mestre em letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e leitor de português na École Normale Supérieure de Lyon. É doutorando do Centre de Recherches Historiques da École des Hautes Études en Sciences Sociales e membro do Groupe de Recherches Interdisciplinaires sur l'Histoire du Littéraire.

de *Ubirajara* (1874), fait par José de Alencar. On espère ainsi démontrer comment les actions convergentes de l'Empire et de certains écrivains non seulement ont institué l'indianisme brésilien, mais aussi l'ont fait faire partie d'une logique d'internationalisation par l'intermédiaire de Ferdinand Denis, de manières distinctes et en servant à des intérêts variés.

Mots-clés: Littérature brésilienne. Indianisme. Internationalisation. Histoire du livre. Écriture.

Introdução

O indianismo, enquanto prática literária e política cultural, estabeleceu, sob a tutela da Regência e do Segundo Reinado, uma cultura oficialmente nacional para o país. Centrada nos povos indígenas e na natureza americana, ela tentava assegurar, no plano simbólico, uma tradição própria ao país. O Estado e, em particular, o mecenato de D. Pedro II financiaram a produção de representações dos povos originários como emblema da nação em um contexto particularmente perturbado por revoltas que ameaçavam a unidade política e territorial do Império. Bastante distantes de suas realidades empíricas, estas representações fomentaram progressivamente um debate público acerca da questão e suscitaram, sobretudo da parte de autores estranhos ao mecenato estatal, a produção de outras representações heterogêneas e dissonantes (TREECE, 2008). Desta feita, o indianismo como cultura nacional consolidou-se entre sua versão oficial, com suas nuances, e seus contrapontos, impondo-se à cultura letrada do século XIX de maneira ampla (JOBIM, 2006).

A consolidação do indianismo ocorreu no interior do território brasileiro, mas também fora dele, sobretudo na França e em Portugal. A produção de representações escritas e iconográficas, investidas na construção de uma comunidade imaginada brasileira, serviram para veicular imagens do país, recentemente tornado independente, no plano internacional, de modo a fazê-lo existir no palco das nações ditas civilizadas (ANDERSON, 2006). Um aspecto interessante desse processo diz respeito aos atores que o levaram a cabo. Não só o Estado, por intermédio do mecenato imperial (ROZEAUX, 2019), de suas instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (BELIEIRO, 2007), e de seus agentes, sobretudo no contexto de legações diplomáticas (ANDRADE, 2008), fizeram dessas representações uma política cultural passível de ser internacionalizada. Também escritores e intelectuais brasileiros, cujos laços com o Império eram complexos e que gozavam de uma autonomia relativa em relação a ele, agiram em favor de sua circulação no exterior. O caráter diverso e fragmentário desse processo, cujos rastros encontram-se invariavelmente na materialidade de suportes escritos igualmente dispersos, é pouco favorável a uma narrativa global que articule esses atores e suas ações na internacionalização do indianismo durante o século XIX.

O oferecimento de livros e de outros impressos brasileiros a indivíduos e instituições estrangeiros parece ter sido a ação mais recorrente desse processo, entre as que deixaram rastros, desde o começo do Segundo Reinado até, pelo menos, a República. Eles eram enviados do Brasil ou de Portugal, acompanhados por cartas, ou eram entregues em mãos durante uma estada no exterior, contendo frequentemente dedicatórias dos autores. Nesse sentido, eles permitem rastrear a própria transmissão e, por intermédio da identificação de seus remetentes, interrogar os sentidos do ato entre a materialidade dos suportes escritos e outras práticas sociais de seus atores. Dessa feita, o acervo de Ferdinand Denis, conservado na Bibliothèqu Sainte-Geneviève em Paris, é um terreno privilegiado para se estudar a circulação do indianismo no exterior pelo viés do oferecimento de livros. Tendo escrito sobre o Brasil a partir da década de vinte, o autor se tornou um interlocutor recorrente do Império e de diversos intelectuais e escritores brasileiros, recebendo livros e pessoas na instituição em que fora bibliotecário e administrador já a partir dos anos trinta e durante toda sua vida. No que diz respeito ao indianismo, a maneira como ele abordara a questão do indígena em sua história literária e o tratamento subsequente dado ao tema por diferentes autores brasileiros acabaram por suscitar laços bibliográficos entre eles.

O *Résumé de l'Histoire littéraire du Portugal, suivi par le Résumé de l'Histoire littéraire du Brésil* (1826) foi a primeira história literária a diferenciar as duas nações lusófonas. O livro propõe sucessivamente uma visão prospectiva e retrospectiva da literatura brasileira, dissociada da literatura portuguesa. O primeiro capítulo da segunda parte do livro, “Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve tomar no Novo Mundo” (DENIS, 1826), preconiza a adoção de inspirações primitivas em detrimento da mitologia clássica; o uso da observação como princípio poético; e a preferência por temas como os combates, sacrifícios e conquistas dos povos indígenas e negros, bem como o espírito ardente e aventureiro dos tempos da cavalaria dos primeiros exploradores. Esta visão prospectiva incidiu sobre a retrospectiva, de modo que o cânone assim constituído apresenta obras nas quais a inspiração da paisagem, de povos ou de costumes locais pôde ser constatada. Em função das características evocadas, o livro pôde servir como ponto de partida para práticas intelectuais e literárias de atores sociais brasileiros, que o leram e dele se apropriaram, como Gonçalves de Magalhães (1811-1882) em seu “Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil”, publicado no primeiro volume da *Revista Nitheroy* (1836).

Em vista disso, este trabalho pretende abordar a internacionalização do indianismo a partir de livros enviados ou entregues a Ferdinand Denis, de modo a interrogar o gesto de

oferecer um objeto impresso a partir dos rastros de sua transmissão e de outros gestos dos mesmos atores que lhe servem de contraponto. Ela se inscreve, assim, no campo da história do livro e da leitura (CHARTIER, 1985), segundo a perspectiva de uma história pelo livro (RIBARD E SCHAPIRA, 2007), e adota uma metodologia de microhistória da escrita (GINZBURG E PONI, 1981; PETRUCCI, 2019). A análise procurará apreender a prática do dom feita por diferentes atores sociais e revelar seus sentidos políticos, intelectuais e culturais. Para isso, serão discutidos o oferecimento da revista *Nitheroy: Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes* (1836), feito por Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879); de *Épicos Brasileiros* (1845), feito por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1879); de *A Confederação dos Tamoios* (1857), feito em nome de D. Pedro II (1825-1891); de *A Lágrima de um Caheté* (1849) e de *Dedicação d'uma Amiga* (1850), feitos por Nísia Floresta (1810-1855); e de *Ubirajara* (1874), feito por José de Alencar (1829-1877). Ao cabo, espera-se demonstrar como as ações convergentes do Império e de alguns escritores não só instituíram o indianismo no Brasil, mas também fizeram-no entrar em uma lógica de internacionalização, através de sua relação com Ferdinand Denis, de modos distintos e servindo a interesses variados.

A Revista *Nitheroy* e a comunicação diplomática

A *Nitheroy: Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, organizada por Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Francisco Salles Torres Homem (1812-1876) e Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), foi publicada por Dauvin et Fontaine em Paris em 1836. Na época da publicação, Torres Homens e Gonçalves de Magalhães eram adidos culturais da Legação Brasileira em Paris, cargo de que o segundo seria demitido no mesmo ano e de que o primeiro se demitiria no ano seguinte, e todos os três eram membros do Institut Historique de France (PINASSI, 1996), fundado por Eugène de Monglave (1796-1878) em 1833. Tendo conhecido apenas duas edições, o exemplar conservado no acervo contém uma inscrição manuscrita do punho de Denis que produz o rastro do oferecimento do periódico: “Ce volume m'a été donné par M. Araújo de Porto Alegre le 22 février 1837²” (NITHEROY, 1836, s/p).

Pode-se compreender a produção da revista como parte das atividades diplomáticas de seus editores que, representando oficialmente o Brasil, colocavam em circulação saberes e fazeres culturais próprios ao país. Muitos desses trabalhos eram provavelmente discutidos nas

² Este exemplar me foi dado pelo senhor Araújo de Porto Alegre em 22 de fevereiro de 1837 [*tradução nossa*].

seções do Institut Historique de France, e Monglave implicara-se na realização do projeto, fornecendo-lhe uma resenha entusiasmada para seu segundo volume. A publicação tornava-se, assim, a marca de que os trabalhos realizados por autores brasileiros, muitos deles presentes em espaços de erudição parisienses, provinham de um paradigma de conhecimento partilhado e eram relevantes no contexto da civilização europeia. Mesmo que tenha sido tomada como manifesto do romantismo nacional, as ambições literárias e intelectuais da revista se mostravam menos importantes do que a atribuição de um caráter oficial à *Nitheroy* no sentido diplomático do termo (BAREL, 2022, p. 32). Nesse sentido, seu caráter diplomático, buscando servir aos interesses do Império no exterior, é constituído pela veiculação de elementos de uma cultura nacional, em que o aspecto indianista já se faz presente, no palco das nações civilizadas.

Araújo Porto-Alegre, que não ocupava um cargo diplomático como seus companheiros, ofereceu os dois volumes do periódico, sem dedicatória, no ano seguinte à publicação deles a Ferdinand Denis. Nenhum exemplar de *Suspiros Poéticos e Saudades*, publicado em 1836 pelos mesmos editores da *Nitheroy*, foi igualmente oferecido. Eugène de Monglave, cuja posição no campo literário francês era semelhante à de Denis no que diz respeito ao estatuto de especialista do Brasil e *passer* de escritos oriundos do país, assumira o papel de mediador e facilitador da publicação, provavelmente em decorrência de suas funções no IHF, em detrimento dele. Além disso, Monglave havia traduzido a correspondência de D. Pedro I com João VI durante as revoltas no Brasil e em Portugal, à qual acrescentara uma dedicatória impressa ao imperador (MONGLAVE, 1827), e havia dirigido a breve *Collection des meilleurs romans portugais et brésiliens*, cujas obras continham uma dedicatória impressa a D. Maria II “reine de Portugal et princesse du Brésil” (DURÃO, 1829, s/p), de modo a tentar estabelecer uma relação de favor com os dois monarcas. Dessa feita, Denis, ainda sem uma posição social definida, pois só seria nomeado para a Bibliothèque Sainte Geneviève em 1838, não parece ter se envolvido diretamente no projeto, apesar do que alguns pesquisadores sugerem, e recebeu seus exemplares segundo uma lógica de comunicação diplomática de segunda linha. Isso significa que ele fazia parte de uma rede de indivíduos suscetíveis de se interessar pela publicação em função de seu vínculo com seu escopo e, eventualmente, de divulgá-la para além desse circuito restrito, mas não fazia parte da linha de frente da difusão. De fato, a mesma estratégia parece ter sido empregada por D. Pedro II anos mais tarde, mas com uma forte conotação política ausente no

gesto do grupo de Paris, promovendo-o à linha de frente e, em alguma medida, preferindo recorrer a ele do que a Monglave.

Épicos Brasileiros e a comunicação erudita

Épicos Brasileiros, coletânea contendo *O Caramuru* e o *Uraguai*, foi organizada por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) e publicada pela Imprensa Oficial em Lisboa em 1845. Trata-se de um dos diversos livros, dele e de outros autores, que Varnhagen enviou a Ferdinand Denis ao longo de quatro décadas, mas o único conservado a apresentar uma dedicatória. Esta dedicatória, redigida em português e assinada pelo autor, declara: “À Mr. F. Denis, Em testem.º de consideração pelos seus serviços á litt.a brasileira. Varnhagen” (VARNHAGEN, 1845, s/p). O exemplar contém igualmente uma inscrição manuscrita da parte de Denis que produz o rastro de sua transmissão: “Ce petit volume qui m'a été expédié par M Firmin de la part de M de Varnhagen m'est parvenu par l'entremise de M P. Conde Mendonça le 27 août 1845³” (VARNHAGEN, 1845, s/p).

O envio de livros da parte Varnhagen releva de uma colaboração intelectual, como atestam as cartas trocadas entre eles e os livros enviados. Encontramos sobretudo obras relativas à viajantes e suas expedições, como, por exemplo, *Amerigo Vespucci : son caractère, ses écrits (même les moins authentiques) sa vie et ses navigations avec une carte indiquant les routes* (1865), *Diario da navegação de Pedro Lopes de Souza pela costa do Brazil até o rio Uruguay* (1867), *Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails* (1869), todos escritos ou organizados por ele. Não se trata, assim, de uma comunicação política ou diplomática, mas de uma troca erudita acerca de temas de trabalho partilhados. Nenhum desses volumes apresenta dedicatória de Varnhagen, e todos contêm apenas anotações de cunho erudito de Denis em fim de volume, o que permite atribuir uma importância particular às inscrições manuscritas de *Épicos Brasileiros*. Associando a dedicatória ao livro que lhe serve de suporte, o historiador evoca os serviços de Denis à literatura brasileira e reconhece esses serviços como dignos de distinção. Diferentemente do genérico “do autor”, bastante comum no acervo, que indica apenas uma função discursiva, a assinatura aponta para um sujeito empírico que dispõe das distinções necessárias para organizar o livro, para fazê-lo publicar sem o mecenato direto do Império brasileiro e para enviá-lo, através de uma rede letrada, a um outro sujeito em outro país. Ao assiná-la, ele se

³ Este pequeno volume que me foi enviado pelo senhor Firmin da parte do senhor de Varnhagen chegou até mim pelo intermédio do senhor P. Conde de Mendonça em 27 de agosto de 1845 [*tradução nossa*].

designa, portanto, como alguém capaz de fazê-lo e cujos trabalhos permitem avaliar a importância dos de Denis.

Em contraste com os envios regulares sem dedicatória, Varnhagen situa esses serviços em relação aos épicos brasileiros, de modo a aludir ao *Résumé* já mencionado. A obra de Denis foi a primeira a associar os dois poemas e a atribuir-lhes um caráter nacional, apesar de suas formas dissemelhantes e de seus contextos de publicação diversos. Este caráter foi levantado na argumentação para estabelecer a visão prospectiva de que já falamos e defini-los como precursores das letras pátrias:

Ces différents ouvrages [l'Uruguai, le Caramuru] indiquent une chose qui n'aura sans doute pas échappé au lecteur, c'est que la poésie au Brésil semble se diriger vers une route nouvelle. Elle puise ses sujets dans une nature qui ne lui est pas inconnue, et cette tendance des esprits peut faire espérer d'heureux résultats⁴ (DENIS, 1826).

Transformando os dois épicos em um *corpus*, Varnhagen dá forma na materialidade do livro ao caráter de antecedentes das letras pátrias deles, marcados pela presença da natureza e dos indígenas. O reconhecimento que ele testemunha decorria principalmente do fato de que o autor francês, além de ter elaborado os princípios de uma poética brasileira, procurara entre as obras em língua portuguesa aquelas que poderiam constituir o patrimônio cultural do Brasil. Varnhagen estava assim reconhecendo enquanto erudito brasileiro o papel desempenhado por Denis para a cultura nacional com o envio do livro com a dedicatória. Nesse sentido, a escolha do português se mostra significativa, ainda mais que a correspondência conservada deles encontra-se inteiramente em francês. Mesmo que Varnhagen fosse então um enviado do IHGB tendo por missão encontrar documentos da história do Brasil em arquivos ibéricos (CEZAR, 2018, p. 36), a análise do gesto e a dedicatória mostra que isso se fazia no quadro de uma comunicação erudita. A antologia constituía o indianismo tanto quanto outras obras contemporâneas que colocavam em cena a natureza e os indígenas, de modo que a oferta do livro promovia a internacionalização da cultura brasileira no interior de uma rede de trocas eruditas para além das fronteiras nacionais.

A Confederação dos Tamoios (1856) e a comunicação política

A Confederação dos Tamoios, de Gonçalves de Magalhães, foi publicada pela tipografia Dous de Dezembro de Paula Brito no Rio de Janeiro em 1856 sob os auspícios do mecenato de D. Pedro II. O Imperador financiara a impressão de duas edições diferentes, uma

⁴ Estas diferentes obras [*O Uruguai*, o *Caramuru*] indicam algo que sem dúvida não escapou ao leitor: a poesia no Brasil parece ir em direção a um novo caminho. Ela retira seus temas da natureza que não lhe é desconhecida, e esta tendência do espírito pode fazer esperar felizes resultados [*tradução nossa*].

voltada ao comércio e outra destinada a ser oferecida em seu nome. O exemplar do acervo faz parte destas últimas, enviadas a diferentes correspondentes europeus, e é acompanhado por uma carta assinada Paulo Barbosa da Silva, então mordomo-mor da casa Imperial. A carta diz o seguinte: “Havendo o D. Domingos José Gonçalves de Magalhães oferecido a sua Majestade o Imperador o seu poema Confederação dos Tamoios, o mesmo augusto senhor dignou-se de mandar fazer uma edição sua, e me ordenou lhe enviasse o exemplar que este acompanha” (GONÇALVES DE MAGALHÃES, 1856, s. p.).

Se a revista *Nitheroy* não havia contado com uma intervenção direta do governo, mesmo tendo sido realizada no quadro de funções diplomáticas, o mecenato oficial do poema épico tornou-o uma peça de comunicação política. O gesto de assegurar uma impressão à parte, para ser distribuída pelos canais oficiais do governo, assume uma conotação política na materialidade mesma do livro e, concomitantemente, atribuiu-lhe um caráter oficial. *A Confederação dos Tamoios* tornou-se, assim, emblema da cultura nacional, mesmo se a polêmica que se seguiu criou uma situação embaraçosa para o governo imperial (CASTELLO, 1953). O envio do livro, partindo diretamente da casa imperial e não de seu autor, inscrevia-se em uma lógica social do favor e indicava que o destinatário fazia parte de um circuito de distribuição privilegiado. A inclusão de Denis nesse circuito pode ser identificada à recepção do título de Cavaleiro Imperial Ordem do Cruzeiro, outorgado por D. Pedro II em 1845 (VIANA, 1966. p. 287.), data a partir da qual ambos se corresponderiam com relativa frequência (RAEDERS, 1944, p. 167-194). O envio confirmava, então, a existência de uma relação de gentileza entre as duas partes e sinalizava que o imperador poderia solicitá-lo a qualquer momento, como de fato o fez, sobretudo na qualidade de bibliotecário e homem de letras interessado pelo Brasil. Em vista disso, a política do indianismo, de maneira oficial e oficiosa, baseava-se na produção de representações por agentes nacionais e, concomitantemente, solicitava agentes internacionais, como Ferdinand Denis, cuja relação com o governo brasileiro tornava-o suscetível de se interessar por essas representações e colaborar com internacionalização da cultura nacional.

Dedicação d’uma amiga e Lágrima de um Caheté a serviço da autora

A Lágrima de um Caheté e Dedicação d’uma amiga, atribuídos a Tellesilla e a B. A., dois pseudônimos de Nisia Floresta, foram publicados no Rio de Janeiro respectivamente por L. A. de Menezes e Lopes e Cia em 1849 e 1850. Ambos contêm a mesma dedicatória em

francês, “A monsieur Ferdinand Denis par l'auteur⁵” (B. A., 1850, s. p.), e o primeiro contém uma inscrição manuscrita de Ferdinand Denis no final do volume, “Cet opuscul est l'oeuvre d'une dame brésilienne qui a longtemps séjourné à Paris et qui a donné une suite à ses *Lágrimas*⁶” (TELLESILLA, 1849, s. p.).

Nísia Floresta deixou o Brasil pela primeira vez em 1849 e, a partir de então, fez três estadas diferentes na Europa (1849-1852, 1855-1872 e 1875-1885), que tiveram como residência principal Paris (FERREIRA, 1990). Na capital francesa, Nísia frequentou o seminário de Augusto Comte, cujas ideias serviram-lhe em seus trabalhos sobre a educação feminina, e manteve uma significativa correspondência com ele (LIMA DUARTE, 1992). Em 1857, ela o encontrou e lhe ofereceu um exemplar do *Opúsculo Humanitário*, publicado em 1853. Comte (1984, p. 236) registrou suas impressões acerca dela e do encontro em seu *Testament*: “je dois d'abord marquer mon premier contact direct avec la noble veuve brésilienne qui m'offre, de cœur, d'esprit et de caractère, tous les indices d'une précieuse disciple, si je puis assez transformer ses habitudes métaphysiques⁷”. Ele também teceu considerações a respeito do livro em uma carta a Pierre Lafitte, filósofo e posteriormente professor do *Collège de France*: “outre que l'opuscul portugais m'a montré que je savais indirectement une langue de plus, j'ai tout lieu d'espérer que la noble dame qui le composa sera bientôt une digne positiviste, susceptible d'une haute efficacité pour notre propagande féminine et méridionale⁸” (COMTE, 1903, p. 195). Durante as diferentes estadas, ela escreveu abundantemente e fez publicar relatos de viagem, contabilizando mais de mil páginas em francês. São eles *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, publicado por Firmin-Didot frères em 1857, e *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, publicado em dois volumes por E. Dentu em 1864 e 1871. Na esteira desses livros de viagem, ela escreveu *Le Brésil*, impresso por A. Sagnier em Paris 1871, em que pretendia corrigir os erros formulados acerca do país por viajantes estrangeiros. No corpo da obra, ela declara:

Ne vous bornez pas à lire seulement quelques traits écrits par des personnes mal informées ou partiales qui ne cherchent qu'à étaler leur soi-disant savoir en censurant des fautes et des erreurs communes à tous les peuples et qu'elles auraient pu

⁵ Ao senhor Ferdinand Denis da parte do autor [tradução nossa].

⁶ Este opúsculo é obra de uma senhora brasileira que se hospedou durante muito tempo em Paris e que deu uma continuação a suas *Lágrimas* [tradução nossa].

⁷ Devo inicialmente deixar registrado meu primeiro contato direto com a nobre viúva brasileira que me oferece, de coração, de alma e de caráter, todos os indícios de uma preciosa discípula, se eu puder transformar o bastante seus hábitos metafísicos [tradução nossa].

⁸ Além de o opúsculo português ter me mostrado que eu sabia indiretamente uma língua a mais, tenho toda razão de esperar que a nobre senhora que o compôs será logo uma digna positivista, suscetível de uma grande eficácia em nossa propaganda feminina e meridional [tradução nossa].

rencontrer sans franchir l'Atlantique. (...) Nulle comparaison n'est à faire, du reste entre un peuple nouveau ayant à surmonter une infinité de préjugés et d'erreurs laissés par ses dominateurs d'outre-mer, et régi par des lois qui datent à peine de trente-quatre ans et les vieux peuples constitués depuis des siècles sous des gouvernements réguliers. (...) Personne jusqu'ici ne s'est occupé d'étudier sérieusement et de publier ce qu'il y a de plus important à savoir sur le Brésil⁹ (AUGUSTA, 1871, p. 25-26).

Ainda que haja uma ação discursiva de promoção da autora e do livro, Nísia reclama aí uma posição de protagonismo no que diz respeito à difusão da cultura do país em língua francesa no exterior, na contramão do que se fazia habitualmente por franceses em língua francesa ou por brasileiros em português. Ela conhecia os trabalhos de Denis, já o tendo citado em seu *Opúsculo*, e é provável que *A Lágrima de um Caheté* e *Dedicação d'uma amiga* tenham sido enviados pela autora ou entregues em mãos a Denis antes da publicação de *Le Brésil* durante uma dessas estadas.

O oferecimento dos livros de Nísia a Denis pode ser interpretada como um gesto de legitimação de sua autora, capaz de dialogar com um homem de igual para igual, e, ao mesmo tempo, de diplomacia cultural extraoficial, na contramão da cultura oficialmente instituída. Por um lado, Nísia veiculava uma representação de si como escritora brasileira altamente letrada, familiarizada com trabalhos europeus acerca do país e discípula dos ensinamentos de Comte, e tornava visível sua existência social para além de seu caso individual. A redação da dedicatória em francês e o uso da alcunha de “dama brasileira”, que se tornou seu epíteto entre os letrados franceses, iam ao encontro desta representação. Por outro, excluída do mecenato Estatal e tendo encontrado inúmeras dificuldades políticas no Brasil (LIMA DUARTE, 1995), ela assumia um papel diplomático em nome de seu país, que não a reconhecia como tal, e agia em favor da internacionalização da cultura brasileira na Europa entre a oposição ao Império e à sociedade patriarcal e a imposição de uma imagem positiva do país. Enquanto *Le Brésil* tentava atribuir ares entre o moderno e o exótico à nação, as representações de *A Lágrima de um Caheté* e de *Dedicação d'uma amiga*, tendo como pano de fundo a revolução praieira e a cabanagem, vão de encontro ao discurso oficial e mostram índios que continuam a ser espoliados pelos brasileiros como eram pelos colonizadores (LIMA DUARTE, 1999). O gesto de Nísia em relação a Denis sugere que a autora lhe atribuía

⁹ Não se limitem a ler somente alguns rabiscos escritos por pessoas mal-informadas ou parciais que querem apenas expor seu suposto conhecimento condenando as falhas e os erros comuns a todos os povos e que elas poderiam encontrar sem atravessar o Atlântico (...) Nenhuma comparação é cabível, ainda mais entre um povo recente, que deve superar uma infinidade de preconceitos e de erros deixados por seus dominadores do além-mar, e regido por leis que datam de pouco mais de trinta e quatro anos e os velhos povos constituídos há séculos sob governos constantes. (...) Ninguém até aqui se dedicou a estudar seriamente e a publicar tudo o que há de mais importante sobre o Brasil [*tradução nossa*].

uma relativa importância enquanto mediador da cultura brasileira na França, em especial no que dizia respeito ao indianismo, já que não parece ter-lhe oferecido nenhum de seus outros livros.

Ubirajara e a república mundial das letras

Ubirajara - Lenda Tupy, de José de Alencar, foi publicado no Rio de Janeiro por Garnier em 1875. O exemplar conservado no acervo contém uma dedicatória do autor em francês, “A M. Ferdinand Denis hommage respectueux au savant ami du Brésil, J. de Alencar Paris, 5 de agosto de 1876¹⁰” (ALENCAR, 1875, s. p.). O livro foi entregue em mãos quando Alencar viajou à Europa para procurar um tratamento médico, e os dois se encontraram, conforme atestam algumas cartas (BEZERRA, 2016, p. 194).

O oferecimento do livro de Alencar pode ser interpretado como um gesto de diplomacia cultural extraoficial, de maneira análoga à de Nísia Floresta, em uma tentativa de fazer figurar o Brasil e a literatura brasileira no cenário Europeu. Podemos assinalar ações feitas tanto em território nacional quanto em terras estrangeiras nessa direção. Em 1856, Alencar, então jornalista do *Diário do Rio de Janeiro*, organizou uma campanha publicitária para vender exemplares do *Cours familier de littérature*, de Alphonse de Lamartine, em prol do autor francês que encontrava sérias dificuldades financeiras. Esta campanha se fazia em termos de uma irmandade das letras e foi mediatizada pela imprensa dos dois lados do Atlântico a partir da publicação de excertos de cartas (BEZERRA, 2016, p. 195-196). No começo dos anos setenta, Alencar participou de negociações para ter *O Guarani* traduzido em francês, na esteira do relativo sucesso do romance na Itália. Embora esta tradução não tenha saído, restam cartas e documentos que atestam os beneficiários e os termos do contrato, cuja cessão de direitos dizia também respeito a *Lucíola*, *Cinco Minutos* e *A Viúvinha* (BEZERRA, 2016, p. 168).

Realizada de maneira relativamente autônoma em relação ao governo imperial, a internacionalização do indianismo promovida por Alencar atrelava-se necessariamente a seus nome e obras. Ela se situava entre a promoção da cultura nacional e a participação do país em uma república mundial das letras. O endereçamento a Ferdinand Denis, que a esta altura já havia se tornado um “amigo do Brasil”, e o uso do francês como língua franca indicam a ambivalência do gesto interessado, entre o individual e o nacional. *Ubirajara* é então

¹⁰ Este exemplar me foi dado pelo senhor Araújo de Porto Alegre em 22 de fevereiro de 1837 [*tradução nossa*].
43 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 17, n. 28, p. 33 - 46, jul-dez. 2022. E-ISSN
2594-8962. DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.128779>

oferecido como uma obra da literatura brasileira de cunho indianista a ser lida fora do território nacional.

Considerações finais: a internacionalização do indianismo e seus gestos

Ao selecionar livros do acervo acerca do indianismo e observá-los lado a lado, percebemos ações convergentes de diferentes atores sociais em prol da internacionalização da cultura nacional através do oferecimento de livros a Ferdinand Denis. Analisando gestos sociais e inscrições manuscritas, percebemos que a internacionalização seguia diretrizes diferentes e investia-se de sentidos diversos de acordo com o livro e o agente em questão. No entanto, é possível depreender três paradigmas distintos em que podemos agrupar os casos expostos. O primeiro, contando com agentes diplomáticos, escritores sob o mecenato imperial e o gabinete de D. Pedro II, diz respeito ao cunho oficial e oficioso que condicionava a transmissão dos impressos por canais oficiais e que veiculava representações depuradas da cultura nacional. O segundo, contando sobretudo com homens de letras e eruditos, abarca uma rede de colaboração intelectual transnacional através da qual o indianismo circulava como um dos temas de trabalho partilhados entre eles. O terceiro, contando com autores relativamente autônomos em relação ao poder estatal, provém de ações que, servindo a interesses individuais, acabam por internacionalizar a cultura nacional. Nos três casos, o oferecimento de livros parece constituir uma estratégia social para contornar a parca quantidade de traduções feitas no exterior, sobretudo na França, e inserir o indianismo em um contexto cultural dominado por relatos de viagem sobre o Brasil e pela atualidade política do país na imprensa.

Referências

- ALENCAR, José de. *Ubirajara - Lenda Tupy*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875. Bibliothèque Sainte-Geneviève, Fonds Ferdinand Denis, Paris, France, c. DELTA53704FA.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities - Reflections on the origin and spread of nationalism*. London: New York, Verso, 2006.
- BEZERRA, Valéria Cristina. *Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional*. 2016. Tese em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- BRASILEIRA AUGUSTA. *Le Brésil*. A. Sagnier: Paris, 1871.
- B. A.. *Dedicação d'uma amiga*. Rio de Janeiro: Typ. Fluminense de Lopes e Cia, 1850. Bibliothèque Sainte-Geneviève, Fonds Ferdinand Denis, Paris, France, c. DELTA53683_1FA.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A polêmica sobre A Confederação dos Tamoios*. São Paulo: FFLCH/USP, 1853.

- CHARTIER, Roger Chartier. Du livre au lire. In: *Pratiques de la lecture*. Paris: Rivages, 1985.
- Correspondance de don Pèdre premier, empereur constitutionnel du Brésil, avec le feu roi de Portugal don Jean VI, son père, durant les troubles du Brésil, traduite par Eugène de Monglave*. Paris: Tenon, 1827.
- COMTE, Auguste. *Correspondance inédite: Deuxième série*. Paris : Société Positiviste, 1903.
- COMTE, Auguste. *Testament d'A. Comte*. Paris : Fonds Typographique de l'exécution testamentaire d'A. Comte, 1984.
- DEMARCHI BAREL, Ana Beatriz. *Um Romantismo a Oeste: Modelo Francês, Identidade Nacional*. São Paulo: Annablume, 2002.
- DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris, Lecointe et Durey, 1826.
- EL-JAICK ANDRADE, Débora. “A árvore e o fruto”: a promoção dos intelectuais no século XIX. 2008. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- FERREIRA, Ligia. Itinéraire d'une voyageuse en Europe: Nísia Floresta (1810-1885). *Cahiers du Brésil Contemporain*, 1990, vol. 12, p. 1-20.
- GINZBURG, Carlos; PONI, Carlo. La micro-histoire. *Le Débat*, v. 10, n° 17, 1981, p. 133-136.
- GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. *A confederação dos Tamoyos*. Rio de Janeiro: Dous de dezembro, 1856. Bibliothèque Sainte-Geneviève, Fonds Ferdinand Denis, Paris, France, c. DELTA DELTA474FA, Paris.
- GRANJA BELIEIRO, Thiago. *Índios e Poetas: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção do Indianismo Literário 1808- 1860*. 2007. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis.
- JOBIM, José Luís. Indianismo literário na cultura do Romantismo. *Revista de Letras*, São Paulo, v.46, n.1, p.191-208, jan./jun. 2006.
- LIMA DUARTE, Constância. *Cartas: Nísia Floresta e Auguste Comte*. Florianópolis: Edusc, 2002.
- LIMA DUARTE, Constância. *Nísia Floresta: Vida e Obra*. Natal: UFRN Ed. Universitária, 1995.
- LIMA DUARTE, Constância. Revendo o indianismo brasileiro: A lágrima de um Caeté, de Nísia Floresta. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [S.l.], v. 19, n. 25, dez. 1999, p. 153-177.
- Nitheroy : Revista brasiliense Sciencias, letras, e artes*, Paris, Dauvin et Fontaine, t. &-2, 1836, Bibliothèque Sainte-Geneviève, Fonds Ferdinand Denis, Paris, France, c. DELTA54447FA, Paris.
- PETRUCCI, Armando. *Promenades au pays de l'écriture*. Tradução de Jacques Dalarun. Bruxelles: Zones Sensibles, 2019.
- PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fé, nenhum milagre: um estudo da Revista Niteroi, 1836*. 1996. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.
- RAEDERS, Georges. *Dom Pedro II e os sábios franceses*. Atlântica Editora: Rio de Janeiro, 1944.
- RIBARD, Dinah Ribard; SCHAPIRA, Nicolas. Histoire du livre, Histoire par le Livre. *Revue de Synthèse*, 2007, vol. 128, no 1-2, p. 19-25.
- ROZEAUX, Sébastien. Les ambitions contrariées du mécénat littéraire de l'empereur dom Pedro II du Brésil (1856-1882). In: STRUVE-DEBEAUX, Anne (org.). *Le Mécénat littéraire aux XIX^e et XX^e siècles*. Paris: éditions Hermann, 2019, p. 53-72.

SANTA RITA DURÃO, José. *Caramuru, ou la Découverte de Bahia*. Paris: Eugène Renduel, 1829.

TELLESILLA. *A Lagrima de um Caheté*. Rio de Janeiro: Typographia de L. A. de Menezes, 1849. Bibliothèque Sainte-Geneviève, Fonds Ferdinand Denis, Paris, France, c. DELTA53690FA.

TREECE, David. *Aliados e Rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação Imperial*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2008.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (org.). *Epícos brasileiros*. Lisboa: Imprensa nacional, 1845. Bibliothèque Sainte-Geneviève, Fonds Ferdinand Denis, Paris, France, c. DELTA53635FA, Paris.

VIANA, Hélio. *D. Pedro I e D. Pedro II: acréscimos às suas biografias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

Recebido em: 07/12/2022; **Aceito em:** 12/12/2022